

# Sobre a Glória de si: masculinidade e branquitude no conto Maria Cora, de Machado de Assis

**José Victor Nunes Mariano**

Mestrando em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa  
Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: [zemariano2012@gmail.com](mailto:zemariano2012@gmail.com)

Bolsista CAPES

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1921-2877>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Fluxo contínuo

**Volume 6**

**Número 1**

**Recebido em:** 03/09/2020

**Aprovado em:** 27/12/2020

## **Resumo**

O presente artigo intenta, a partir dos trabalhos de R.W Connell e Joane Nagel, uma análise do conto Maria Cora, de Machado de Assis, do livro Relíquias da casa velha, publicado em 1906, com o objetivo de identificar as relações existentes entre a masculinidade hegemônica de fins do século XIX e as relações de poder, interseccionadas aos eixos de gênero/sexualidade, raça e classe, existentes na sociedade brasileira da época. Para isso analisarei, primeiramente, os recursos formais do conto, levando em conta o foco narrativo da obra, para posteriormente identificar como a masculinidade emulada vincula-se às elites brasileiras, ao projeto eurocêntrico de nação futura (que possui o branqueamento racial, a hierarquia de gênero e o agenciamento do desejo como traços estruturantes fundamentais) e à branquitude enquanto espaço ideológico de poder, conforme conceitualizado pela pesquisadora Lia Vainer Schucman.

## **Palavras-chave:**

Machado de Assis, branquitude, masculinidade

# 1 Introdução

As instituições de fins do século XIX e início do século XX, incumbidas de construir um projeto de nação calcado nos ideais liberais político-econômicos e em um programa científico-intelectual, causaram um grande impacto perante a produção cultural do momento. Uma série de autores produziram obras que flertaram com esse modelo e, em certos pontos, apontavam artisticamente o projeto de nação do porvir como um ideal a ser almejado.

Todo esse aparato imagético do progresso estava interseccionado a recortes específicos de raça, classe e gênero. Moldado pelos **homens da ciência** (SCHWARCZ, 2019), ou seja, figuras masculinas das instituições científicas, jurídicas e elites nacionais do final do século XIX, esse novo ideal de nação construiu-se sob o espelho da virilidade do homem civilizado europeu e também de seu oposto - o “abjeto”, “incivilizado”, “grotesco”, ou seja, o elemento que é sistematicamente rejeitado e caracterizado enquanto “anomalia biológica” que, para uma parte dos intelectuais, poderia enquadrar-se enquanto um traço degenerativo e um desvio do projeto nacional de civilização. Segundo Anne McClintock, em sua obra **Couro imperial: raça, gênero, sexualidade no embate colonial**, “(...) as classes degeneradas, definidas como desvios do tipo humano normal, eram tão necessárias para a autodefinição da classe média quanto a idéia de degeneração era para a ideia de progresso” (MCCLINTOCK, 2018, p. 80). Assim o degenerado implementa uma hierarquia de qualidade reforçando os padrões essenciais da figura modelo a ser seguida.

A partir de um olhar atento às relações de classe, raça e gênero/sexualidade, evidencia-se que a imagem do progresso e da civilização não só constituíram a figura do “homem civilizado” como também foram essenciais para a construção da masculinidade hegemônica<sup>1</sup>. Nessa sociedade, regida por estruturas de poder vinculadas aos marcadores sociais da diferença, emergem modelos padronizados e “civilizados” de performatividade e interações interpessoais entre homens, em uma dinâmica que poderíamos chamar de política das masculinidades<sup>2</sup>. A figura modelo, as relações sociais necessárias e obrigatórias, as padronizações dos modos de vida

---

<sup>1</sup> Utilizo aqui o conceito de masculinidade hegemônica desenvolvido por Raewyn Connell, em seu livro *Masculinities* (CONNELL, 2005), e também o conceito de masculinidades hegemônicas e subalternas, de Michael Scott Kimmel, no artigo **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas** (KIMMEL, 1998). Ambos os conceitos dialogam com práticas diárias do mundo masculino que estruturam as lógicas de dominação dos papéis de gênero em sociedade, criando assim a relação entre hegemonia e subalternidade.

<sup>2</sup> Connell cunha o termo Políticas de Masculinidades (CONNELL, 2005) situando-o no embate e aproximação entre diversas masculinidades mapeadas socialmente. Sua reflexão aborda as formas pelas quais distintas práticas masculinas conflitam-se ou aproximam-se perante a dinâmica de gêneros na sociedade. É por esse dinamismo de aproximação-afastamento, conflito e não conflito, que uma masculinidade torna-se hegemônica ou persiste como subalterna.

dos homens: tratam-se de elementos que apontam para a projeção ideal de práticas masculinas, aceitas e legitimadas em sociedade.

Pesquisas têm sido desenvolvidas com o intuito de mapear como essa masculinidade construiu-se paralelamente ao projeto civilizatório brasileiro, no final do século XIX e início do século XX. Meu objetivo, nesse artigo, vai nessa esteira: a de verificar como a masculinidade hegemônica opera nos campos interativos-sociais e subjetivos aos indivíduos e à própria dinâmica dos embates interseccionais de gênero/sexualidade, raça e classe, moldando o padrão soberano da Virilidade. Ainda mais, tentarei identificar como essas relações associam-se à representação social da Branquitude<sup>3</sup>.

Para isso, analisarei o conto *Maria Cora*, de Machado de Assis, publicado no primeiro tomo do livro **Relíquias da Casa Velha**, de 1906. É de suma importância demarcar que não busco uma leitura estanque da obra, supondo-a como um mero reflexo da realidade. Em essência, acredito que a leitura do conto, a análise de seus recursos formais e a apreensão crítica-analítica do aparato ficcional do texto literário possibilita-nos um descortinar das relações de poder que estão circunscritas aos eixos de raça, classe e gênero/sexualidade na trama da narrativa. A partir disso, pensar-se-á em possibilidades para uma interpretação da obra, tendo-se em mente o contexto o histórico social em que o texto foi produzido – fins do século XIX e início do XX.

## 2 As relações de poder em *Maria Cora*

Machado de Assis é um dos principais autores da literatura brasileira e também um dos nomes frequentemente avaliados como essenciais para compreensão dos conflitos e contradições políticas, econômicas e sociais da passagem do Império para a República, no Brasil. Sua obra foi frequentemente abordada por um eixo específico – a incorporação do projeto liberal brasileiro, suas relações com a formação das elites urbanas nacionais e as dinâmicas da esfera do trabalho são alguns temas frequentemente levantados pela crítica. A minha abordagem, apesar de dialogar com esse eixo em muitos pontos, afasta-se dos estudos mais tradicionais sobre o autor ao incorporar uma análise interseccional das questões que envolvem raça, gênero e classe ao *corpus*. Buscarei assim trazer luz à construção social da masculinidade em sua obra e como ela vincula-se ao imperativo projeto civilizatório europeu de fins do século XIX e início do século XX.

---

<sup>3</sup> Compreendo Branquitude enquanto um constructo ideológico de poder, nascido no projeto moderno de colonização européia (STEYN, 2004; SCHUCMAN, 2012). Esse constructo ideológico é o que fomenta um sistema de representação que projetará uma identidade social no mundo (WOODWARD, 2000; DA SILVA, 2000). Portanto, relaciono Branquitude às práticas de poder vinculadas à construção social de identidade.

Maria Cora é o segundo conto do livro **Relíquias da casa velha**, publicado em 1906, e conta a história de um homem, sem nome revelado, que narra em primeira pessoa sua “aventura romântica” junto à Maria Cora, jovem de família rica e que, apesar de casada, se encontra separada do marido João da Fonseca. Este, segundo o narrador, separou-se da mulher devido a Revolução Federalista - em um momento que a relação amorosa do casal já estava fortemente afetada devido a casos extraconjugais do marido, primeiramente com uma moça chamada Dolores e posteriormente com Prazeres, mulher ligada ao “[...] partido da revolução” (ASSIS, 1963, p. 23). Ao frequentar a casa de Cora como um amigo próximo, o narrador decide declarar-se através de uma carta e realizar um pedido formal de casamento, que é recusado com o argumento de Maria ser “[...] uma senhora casada” (ASSIS, 1963, p. 27).

Como prova de amor, o narrador-personagem propõe-lhe sua ida ao conflito federalista com o único objetivo de assassinar João da Fonseca e esposá-la. Inicia-se então seu curto relato sobre a guerra e o confronto direto com o rival. Após matar o pretendente em meio ao conflito, o narrador volta para o Rio de Janeiro e pede novamente a personagem em casamento, encarando uma nova recusa por parte da viúva que, desde a notícia da morte do marido, vivia em luto. O conto encerra-se com Maria Cora em reclusão, rezando pela alma do esposo, e com o narrador-personagem voltando à vida burguesa e monótona que vivia.

O andamento da narrativa é ditado majoritariamente pelas relações entre três diferentes personagens: o narrador-personagem, sem nome especificado durante a história, João da Fonseca e Maria Cora. Apesar das três figuras serem essenciais para o conto, a instância narrativa é dominada pela voz do narrador-personagem. Muitos críticos já apontaram a volubilidade do narrar em personagens em primeira pessoa de Machado de Assis e esse conto não foge à regra. Roberto Schwarz, em seu famoso livro *Um mestre na periferia do capitalismo*, ao referir-se ao personagem Brás Cubas, do livro *Memórias póstuma de Brás Cubas*, diz:

Qual das fisionomias de Brás é a verdadeira? Está claro que nenhuma em particular. (...) Faltando credibilidade ao narrador, as feições que ele constantemente veste e desveste tem verdade incerta, e tornam-se elemento de provocação, esta sim indiscutível (SCHWARZ, 2000, p. 23)

Temos, aqui, a configuração do narrador não confiável – característica que demarca a não credibilidade do narrador perante os fatos narrados. A sistematização desse recurso foi essencial para a crítica descortinar as problemáticas e conflitos dos narradores-personagens de Machado de Assis. Ainda mais, a volubilidade do ato narrativo determina a posição dúbia e manipuladora de classe da já decaída aristocracia brasileira do final do século XIX e início do século XX.

O posicionamento do narrador serve-nos para entender como as relações interpessoais são construídas no conto – pois é no próprio andamento contraditório

da narrativa, nas afirmações e negações do personagem, que a própria ideia do masculino vai sendo construída. Busco aprofundar-me um pouco mais nessa questão a partir do aparato crítico levantado por Schwarz: acredito que, para além de apresentar as problemáticas de uma aristocracia decaída, o recurso nos possibilita identificar como essas questões são interseccionadas aos domínios de poder que engendram os eixos de raça, classe e gênero/sexualidade, possibilitando a identificação da masculinidade hegemônica emulada.

Primeiramente, o narrador constrói sua relação com Maria Cora a partir da certeza de um desejo mútuo. No entanto, no decorrer da narrativa, essa certeza do personagem torna-se incerta a nós, leitores. Em determinado momento, o personagem nos relata que “[...] De fato, não parecia achar em Maria Cora mais que benevolência e perdão, mas era isso mesmo que a tornava apetecível. Todos os amores da minha vida tinham sido fáceis” (ASSIS, 1963, p.25). Ora, da afirmativa de sua benevolência e perdão vem a fonte do desejo do personagem por Cora. Não há na narrativa algo que realmente demarque uma certeza de desejo da personagem ou de reciprocidade de sentimentos.

Em outro trecho, quando Maria convida-o, junto à tia, para visitá-la em casa, o narrador assume: “[...] Pareceu-me ler naquela palavra um convite a amá-la de vez, assim como a primeira trouxera um tom que presumi ser de saudade”. (ASSIS, 1963, p. 26). O personagem assume todas as sensações de Maria Cora, sem demarcar uma certeza sobre elas. Prevê sentimentos que, materialmente, no que tange ao conteúdo narrado, nunca são expressados pela personagem.

De onde surge a certeza do desejo senão da própria afirmativa do narrador sobre a existência do mesmo? Em um recurso retórico, em diálogo com nós leitores, o personagem manipula sua fala de forma persuasiva - sem nunca dar voz à Cora - ditando, de forma indireta, o andamento da história. Em uma leitura desatenta, podemos cair no discurso manipulador do personagem e assumir o desejo mútuo como uma certeza. O recurso retórico é ainda mais salientado quando, em determinado momento da narrativa, o narrador prontifica-se à guerra:

Maria Cora fez um gesto de deslumbramento. Daquela vez percebi que realmente gostava de mim, verdadeira paixão, e se fosse viúva, não casava com outro. Jurei novamente que ia para o Sul. Ela, comovida, estendeu-me a mão. Estávamos em pleno romantismo (ASSIS, 1963, p. 28)

Novamente, o personagem presume todas as sensações de Maria Cora e constrói suas ações perante uma certeza que, concretamente, no que tange ao conteúdo narrado, não existe. A narrativa de um romance glorioso - pois há uma tentativa de comprovação desse amor pela ida do personagem para a guerra a fim de matar um rival - torna-se, de forma paranóica e egocêntrica, uma narrativa sobre si. Essa narrativa está conectada a uma dominação sobre Cora, em um projeto de obtenção simbólica de um topos glorioso - estritamente vinculado às relações de

domínio interpessoais. Pois, inclusive, a história de amor contada é secundária: o que importa a esse narrador é a “[...] carreira penosa e longa” (ASSIS, 1963, p. 21) que aponte para a construção de uma narrativa heróica:

O que eu senti não se escreve; pelo menos, não o escrevo eu, que não sou romancista. Foi uma espécie de vertigem, um delírio, uma cena pavorosa e lúcida, um combate e uma glória. Imaginei-me no campo entre uns e outros, combatendo federalistas, e afinal matando João da Fonseca, voltando e casando-me com a viúva. (ASSIS, 1963, p. 27)

Evidencia-se, no trecho, o sentido da glória em matar o rival e a notoriedade em esposar a “viúva”, adjetivo que enclausura a personagem nas relações de gênero estabelecidas na sociedade. Aventurar-se pela conquista da glória é também construir a idealização do masculino, que se materializa pela posse simbólica da figura feminina, no projeto do narrador em esposar a viúva. Já na guerra, o narrador revela-nos que “a ideia de matá-lo no turbilhão de um combate tinha algo fantástico” (ASSIS, 1963, p. 30). Tanto Maria Cora quanto João da Fonseca são personagens repletos de significados que dão corpo aos mecanismos de dominação do conto, funcionando enquanto combustível para um projeto de glorificação do próprio narrador.

Ainda mais, é interessante perceber que, com a ida do personagem ao sul do país, as possíveis glórias de combate não são descritas. Inclusive, o personagem ausenta-se de contá-las: “[...] Nem por isso conto combates, nem escrevo para falar de revolução” (ASSIS, 1963, p. 29). E ao chegar o derradeiro momento de combate, o narrador relata:

Naquele combate achei-me um tanto como o herói de Stendhal na batalha de Waterloo; a diferença é que o espaço foi menor. Por isso, e também porque não me quero deter em coisas de recordação fácil, direi somente que tive ocasião de matar em pessoa a João da Fonseca. Verdade é que escapei de ser morto por ele. Ainda trago na testa a cicatriz que ele me deixou. O combate entre nós foi curto. Se não parecesse romanesco demais, eu diria que João da Fonseca adivinhara o motivo e previra o resultado da ação. Poucos minutos depois da luta pessoal, a um canto da vila, João da Fonseca caiu prostrado. (ASSIS, 1963, p.30)

Não há descrição do combate em si, momento no qual a glória individual poderia projetar-se enquanto recurso persuasivo ao leitor. As descrições das relações interpessoais, nesse momento de conflito, são mínimas e narradas brevemente. No entanto, no momento da morte de João da Fonseca, vendo Prazeres abraçada ao corpo do amante, o narrador afirma: “[...] achei-me tomado de inveja e ódio, mas também esse duplo sentimento desapareceu para não ficar nem admiração” (ASSIS, 1963, p. 31). A inveja sentida pelo narrador ao olhar a cena serve também para projetar a imagem glorificada da morte em campo de batalha; inveja outro homem pelo fim que não pôde ter.

Há uma relação de poder e domínio triangular entre os personagens e é nesse imbricado jogo que o masculino se constrói. É da morte de um homem à conquista da viúva que os ideais da honra e da virilidade são edificados. Alain Corbin, na introdução do segundo volume do livro de sua organização intitulado **História da Virilidade** relata que:

A virilidade se identifica com a grandeza - noção essencial - com a superioridade, a honra, a força - enquanto virtude -, com o autodomínio, no sentido do sacrifício, com o saber-morrer por seus valores. (...) Ela ordena, irriga a sociedade, cujos valores sustenta. Ela induz efeitos de dominação - dentro os quais o exercício sobre a mulher é apenas um elemento. Ela estrutura a representação do mundo. Para o indivíduo dessa época, ela não constitui tanto um dado biológico quanto um conjunto de qualidades morais que lhe convém adquirir, preservar, e da qual o homem deve saber dar provas. (CORBIN, 2013, p.9)

Corbin assinala que o dado da virilidade<sup>4</sup> estrutura a sociedade e sustenta seus valores e dinâmicas de dominação. Assim, incorporar e provar a virilidade enquanto qualidade moral é agenciar de alguma forma as lógicas de poder vigentes em sociedade, hierarquizadas no eixo de gênero/sexualidade. O narrador do conto busca constantemente a comprovação de sua própria virilidade a partir de “provas” reais – cito como exemplos o projeto de assassinato de João da Fonseca e a própria tentativa de esposar Maria Cora. Esses acontecimentos sustentam as relações de poder construídas entre os personagens, descortinando assim não a narrativa romântica e amorosa vendida pelo narrador aos leitores, e sim a apropriação e comprovação do dado viril.

Tanto Cora quanto João da Fonseca funcionam enquanto signos formativos da masculinidade, fomentando a construção de uma aventura gloriosa em uma narrativa que prioriza, acima de tudo, um destino e uma história edificantes ao narrador - mesmo que não tenhamos comprovação nenhuma da veracidade do que é relatado. Pela mesma lógica, tanto a morte de João da Fonseca quanto o esposar de Maria Cora apontam para construção subjetiva de um destino glorioso e masculinizado. Por baixo da persuasão de um narrador não confiável, é possível mapear, nas fissuras narrativas, os pontos mais profundos da psique vinculados à construção da virilidade e, conseqüentemente, da forma hegemônica do masculino.

Se, de um lado, o narrador persegue uma narrativa romantizada, de outro descortina-a perante suas próprias incoerências; se afirma, logo se contradiz. O jogo dúbio da afirmação-negação é elemento constitutivo das relações que o personagem-

---

<sup>4</sup> Raewyn Connell (2005) ao conceitualizar o termo masculinidade, aproxima-se da explicação de Corbin sobre Virilidade. Ao passo que ela vincula o termo às práticas do universo masculino, que dinamiza as relações de poder entre os papéis de gênero na sociedade, Corbin mostra que a Virilidade é uma prática masculina que também estrutura as lógicas de poder e dominação. Poderíamos dizer, a partir do pensamento de Connell, que o conceito de Virilidade de Corbin trata-se de uma Masculinidade Hegemônica específica, característica dos fins do século XIX. Não são conceitos que se anulam, e sim complementam-se.

narrador cria com as outras figuras, atuando diretamente na própria dinâmica das relações de poder criadas com os papéis femininos e masculinos da história.

Resumidamente, é na fonte do contraditório que as relações de poder são estabelecidas; e é a partir dessas mesmas relações que o masculino é revelado. Machado de Assis escancara muito bem os conflitos de poder da elite brasileira do final do século XIX e início do século XX, pois consegue iluminar a plasticidade das relações sociais e ainda desurdir o imbricado jogo dos papéis femininos e masculinos na dinâmica do público e do privado.

No final do conto, ao retornar para o Rio de Janeiro, o personagem não revela a Cora que foi ele quem matou seu marido. Ao invés disso, dá a confirmação da morte pelo pequeno maço de cabelo arrancado em campo de batalha. Devemos aqui nos perguntar: por que o narrador não expôs a glória de matar o pretendente (pois lembremos que as ações não foram reveladas nem para Maria Cora e nem para os próprios leitores)? Sabendo que os fatos não têm autenticidade comprovada exatamente pelas fissuras narrativas que revelam a nós um narrador volúvel, restamos perceber como essa volubilidade relaciona-se à construção social da masculinidade.

### **3 Masculinidade hegemônica, nação e branquitude**

Talvez uma das falas mais sinceras do narrador, em seu mar de eventos e fatos que não conseguimos mapear como verdadeiros ou falsos, seja o final da parte II, em que revela, ao mentir ao cocheiro sobre sua relação com Maria Cora no momento que a seguia: “[...] Não era a primeira vez que mentia na minha vida, nem seria a última” (ASSIS, 1963, p. 21). A curta passagem expõe-nos a uma dúvida: serão os fatos narrados verdadeiros? Será verdadeira a ida do personagem à guerra? Será real seu protagonismo na morte de João da Fonseca?

A ambiguidade discursiva entre o que é verdade e mentira – concatenado à volubilidade da instância narrativa - impossibilita que saibamos as respostas. Para nós, enquanto críticos, é mais valioso compreender os significados projetados pela composição literária (no que diz respeito à articulação do narrador e do narrado), ou seja, na forma subjetiva como o personagem e a própria masculinidade da elite brasileira são construídas a partir do ponto persuasivo do narrar, do que a certeza sobre os fatos narrados em si. Dessa forma, a confiança sobre a veracidade dos fatos importa menos do que a incorporação da ambiguidade à forma literária.

Assim, é na própria possibilidade da não existência desses fatos que o narrador associa os elementos do contar uma história. Da mesma forma, é na contradição do ato narrativo em primeira pessoa que todas as três instâncias (narrador-personagem, João da Fonseca e Maria Cora) articulam-se. Os personagens e fatos narrados são incorporados ao discurso ambíguo do existir-não existir, do real-irreal - imbricada

dialética que conduz o eixo narrativo da história<sup>5</sup>. Todo esse mecanismo aponta para as relações da ordem de domínio e poder que engendram os eixos de gênero, raça e classe.

A teórica norte americana Joane Nagel, em seu artigo *Masculinity and nationalism: gender and sexuality in the making of nations* busca identificar as aproximações existentes entre um ideal nacionalista e a formação social da masculinidade. A autora relata que:

“Primeiro, como observado acima, o estado nacional é essencialmente uma instituição masculina. As estudiosas feministas apontam sua estrutura hierárquica de autoridade, a dominação masculina dos cargos de tomada de decisão, a divisão interna do trabalho subordinada / subordinada / subordinada do sexo masculino e a regulamentação legal masculina dos direitos da mulher, trabalho e sexualidade. Segundo, a cultura do nacionalismo é construída para enfatizar e ressonar com temas culturais masculinos. Termos como honra, patriotismo, masculinidade e nacionalismo, covardia, bravura e dever são difíceis de distinguir como nacionalistas ou masculinistas, pois parecem tão intimamente ligados à nação quanto à masculinidade”. (NAGEL, 1998, p. 2151-252 [tradução nossa])<sup>6</sup>

Nagel aponta duas fortes características das relações entre o nacionalismo e a masculinidade: de um lado seu caráter hierárquico vinculado à dominação masculina e à suposta superioridade homem-mulher; de outro, a cultura do nacionalismo que é desenvolvida em temas culturalmente masculinos, como honra, patriotismo, dever e coragem. É interessante perceber como tanto a hierarquia que coloca o personagem-narrador enquanto aquele que busca dominar Maria Cora, quanto a manipulação das temáticas da honra, da coragem e do dever, ao instituir a si o destino de matar João da Fonseca, tratam-se de elementos essenciais para o desenvolvimento do masculino no conto machadiano, idealizado pelo narrador e materializado em narrativa a partir da ambiguidade discursiva.

A teórica Raewyn Connell, em seu famoso livro *Masculinities*, constrói o conceito de **Políticas da masculinidade**. Sendo a masculinidade a configuração em torno das práticas masculinas estruturantes das relações de gênero, nada mais óbvio que homens entrem em conflito, direto ou simbólico, pela própria definição do padrão hegemônico da masculinidade (CONNELL, 2005). É evidente que esse embate toma projeções ainda maiores quando vinculado às próprias dinâmicas econômicas,

---

<sup>5</sup> Essa dialética entre o existir e não existir está circunscrita ao valor do real na obra ficcional, ou seja, ao que tange a veracidade da representação ficcional do conto. As contradições explicitadas por Machado de Assis confundem a apreensão de legitimidade do ato narrativo, sugerindo que o valor do que é real ou não na obra ficcional é construído discursivamente pelo próprio narrador.

<sup>6</sup> Original: First, as noted above, the national state is essentially a masculine institution. Feminist scholars point out its hierarchical authority structure, the male domination of decision-making positions, the male superordinate/female subordinate internal division of labour, and the male legal regulation of female rights, labour and sexuality. Second, the culture of nationalism is constructed to emphasize and resonate with masculine cultural themes. Terms like honour, patriotism, Masculinity and nationalism, cowardice, bravery and duty are hard to distinguish as either nationalistic or masculinist, since they seem so thoroughly tied both to the nation and to manliness. (NAGEL, 1998, p. 251-252)

sociais e políticas da época. O projeto civilizatório do final do século XIX e início do século XX, amparado aos ideais ditos universais, construiu não somente um ideal de nação do porvir como também auxiliou o desenvolvimento de um padrão masculino de civilização. Esse novo homem marcava também uma mudança política essencial: o esquecimento de um passado degenerado e o olhar para a nova República. Richard Miskolci, em seu trabalho *O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*, afirma:

Durante a maior parte do período imperial, a nação foi uma representação interessada do poder político constituído após a Independência e servia apenas como um necessário interlocutor silencioso até que, no terço final do século XIX, com o progressivo fim da escravidão, ganhou força uma nova dinâmica cultural e política relativamente autônoma da até então dirigida pelo Estado. Entraram em cena novos atores políticos, como o exército após a Guerra do Paraguai e uma nova geração pensante com aspirações políticas frustradas, mas ímpeto capaz de colocar e xeque as bases simbólicas do Império (MISKOLCI, 2012, p. 36)

Esses novos “atores políticos”, citados por Miskolci, são essenciais para o projeto de nação do porvir e para a ideia de “progresso<sup>7</sup>”. A superação do Império levou em conta esses novos agentes, suas atuações na organização da sociedade e, primordialmente, seu dinamismo na própria política das masculinidades. Retornando à Joane Nagel, a autora demonstra como os papéis subalternos das mulheres são essenciais para a formação do nacionalismo masculinizado (NAGEL, 1998). O masculino hegemônico é construído concomitantemente à imagem de nação, levando em conta a posição hierárquica dos homens na sociedade, seu domínio frente a outros corpos e os temas masculinos que são caros ao nacional. Assim, a incorporação do projeto civilizatório no Brasil possui bases concretas em um idealismo que delinea a imagem do homem ideal para a nação.

Essa representação da masculinidade modelo é enraizada ao próprio projeto civilizatório-moderno europeu. Aníbal Quijano, em seu famoso artigo *Coloniality of power, eurocentrism and latin america*, demarca que um dos eixos essenciais para a compreensão do projeto moderno europeu é o sentido moderno atribuído à raça. O autor revela que, com o “descobrimento das américas”, a divisão racial do trabalho foi um elemento essencial para o desenvolvimento do capitalismo mundial. Incorporando o elemento racial ao senso evolutivo das civilizações, que coloca a sociedade européia ocidental como o grande marco da civilização humana, o projeto moderno pôde sustentar as relações de domínio e poder da europa frente aos povos dominados, essencializando civilidade e avanço tecnológico-científico como dados

---

<sup>7</sup> Progresso, aqui, é compreendido enquanto um ideal moderno-europeu, consolidado no projeto iluminista no século XVIII, vinculado às dinâmicas de domínio colonial. Dentro da ideia de progresso, há um de senso evolutivo, pautado pela “razão”, “racionalidade” e empirismo científico, que coloca o povo europeu como o ponto mais alto na cadeia evolutiva do ser humano, marginalizando outros povos enquanto seres sem racionalidade e/ou degenerados. Para uma leitura aprofundada verificar QUIJANO (2000) (1992) e MALDONADO-TORRES (2008).

próprios do povo europeu (ANIBAL, 2000). Dialogando com ideais trazidos diretamente da Europa, principalmente da França, intelectuais brasileiros do século XIX assimilaram essa forma etnocêntrica do conhecimento culminando no desenvolvimento de um aparato crítico-científico que tinha como um dos eixos principais o domínio sobre outros povos a partir da hierarquização racial e sexual de corpos.

Não é necessário irmos tão longe para sabermos que grande parte da intelectualidade nacional movia suas ideias a partir da reprodução de muitas teorias provenientes do grande bojo intelectual europeu do século XIX que, em diálogo com os pensadores da Era das Luzes, trazia consigo os ideais de progresso e civilidade. Dessa forma, se esses ideais estavam estritamente vinculados ao homem europeu, é esse homem, racialmente branco e cumprindo todas as etiquetas necessárias da heteronormatividade, que será emulado para o contexto brasileiro enquanto modelo padrão a ser seguido.

Lia Schumann, em sua tese de doutorado **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**, aponta que a branquitude trata-se de um “constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam sua identidade racial como norma e padrão”, fazendo com que outros grupos identitários “aparecem ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores.” (SCHUMANN, 2012, p. 17). A formação desse constructo ideológico da branquitude no final do século XIX, no Brasil, tem respaldo no projeto moderno europeu e na dominação colonial sobre os povos da América e África. Falar do “homem ideal” de fins do século XIX e início do XX é falar também da masculinidade hegemônica, esta por sua vez concatenada com um *desejo de nação*<sup>8</sup> que busca, acima de tudo, um projeto político que “[...] hoje caracterizariamos como reprodutivo, branco e heterossexual” (MISKOLCI, 2012, p. 50). Hierarquias de gênero, raça e classe estavam conectadas a esse imaginário e foram reproduzidas enquanto lógica estruturante do poder nos casos mais comuns, cotidianos e banais da vida pública das elites do final do século XIX e início do século XX.

Assim, os personagens de Machado de Assis são construídos sob o bojo de um constructo de poder que está vinculado à identidade racial tida como norma e padrão. Ao inserir a trama do conto no universo burguês, em diálogo com valores caros a essa própria burguesia, o autor situa a narrativa no próprio polo identitário da branquitude. No entanto, esse polo não é reforçado nem idealizado; pelo contrário, a branquitude é problematizada e suas relações de poder, constituídas nos eixos de gênero e classe, são expostas.

---

<sup>8</sup> O termo **desejo de nação** é desenvolvido por Richard Miskolci em seu livro **O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX**. Trata-se do “conjunto de discursos e práticas histórica e contextualmente constituídos entre fins do século XIX e início do século XX” que funcionava enquanto uma biopolítica vinculada à vinda de europeus ao Brasil, através de um processo migratório, e também a um projeto político de embranquecimento. (MISKOLCI, 2012, p. 50)

## 4 Considerações finais

É evidente na prosa machadiana a presença do elemento nacionalista na formação subjetiva do sujeito, no entanto é essencial pensá-lo não somente enquanto uma ordem político-econômica, mas também como um elemento cultural que engendra estruturas de poder em torno de recortes de raça, classe e gênero. É impossível falar de projeto nacional ou nacionalismo no Brasil sem falarmos das perspectivas raciais cientificistas da virada do século; sem falarmos da elite econômica majoritariamente branca; sem falarmos do domínio dos homens sobre as mulheres e sobre outros homens considerados “degenerados”.

Assim perceber-se-á que, no conto Machadiano, a elite constrói discursivamente narrativas de si a partir de topos da Glória, valorizando o dado da Virilidade, projetando um ideal hegemônico de masculinidade e sedimentando a identidade da branquitude. No conto, percebemos que essa masculinidade só pode ser evocada pelo controle das dinâmicas de poder entre os personagens. Essas dinâmicas estão imersas ao mundo representacional da elite majoritariamente branca, heterossexual e masculina. Os próprios valores abstrusos às estruturas de gênero na sociedade são manipulados pelo narrador com o objetivo de persuadir o leitor. Machado de Assis fez questão de tornar essa manipulação inconsistente através das fissuras narrativas com o objetivo de comprovar a volubilidade desse narrador perante os fatos narrados. Da volubilidade narrativa, destrinchamos a formação da masculinidade hegemônica a partir das dinâmicas de poder construídas entre os personagens. Por fim, essa masculinidade foi interpretada à luz do discurso moderno europeu do progresso, demonstrando como, em grande parte, o referencial intelectual importado da europa trazia lógicas de poder e domínio estritamente coloniais.

Revisitar a obra de Machado de Assis, com um olhar atento às dinâmicas interseccionais de gênero, raça e classe pode auxiliar não só a constituição de uma nova fortuna crítica para o autor, mas também nos possibilitar o descortinar das problemáticas que envolvem o projeto civilizatório moderno brasileiro dos fins do século XIX e início do século XX. Os estudos que envolvem a construção social da masculinidade possibilita-nos uma visão fora do eixo crítico eurocêntrico que aborda suas obras apenas como um espectro da incorporação do projeto liberal-econômico na derrocada do Brasil Império para a ascensão do Brasil República. Tratam-se de obras que olham as relações de poder, constituídas nos eixos de raça, classe e gênero/sexualidade, não enquanto elementos passíveis na história, unidades essencialistas e de sentido fixo, mas como objetos aptos à análise e dotados de significados plurais nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais da sociedade brasileira.

## Referências

- ASSIS, M. de. *Relíquias da casa velha*. Tomo I. São Paulo: Editora EDIGRAF, 1963.
- CONNELL, R. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Gender and Power*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- CORBIN, A. A virilidade reconsiderada sob o prisma do naturalismo. IN: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. *A história da virilidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- DA SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. IN: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e Diferença. As perspectivas dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2000.
- GILROY, P. *O atlântico negro*. Tradução de Patrícia Farias. São Paulo: Editora 34, 2001.
- MALDONADO-TORRES, N. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.80, p.71-114, março 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/695>.
- MISKOLCI, R. *O desejo de nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.
- NAGEL, J. *Masculinity and nationalism: gender and sexuality in the making of nations*. *Ethnic and Racial Studies*, v.21, p. 242-269, March/1998.
- SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. IN: BONILLO, Heraclio (Org.) *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones, 1992.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World-Systems Research*, Pittsburg, v. 6, n. 2, p. 342-386, 2000a.
- QUIJANO, A.; ENNIS, M. Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latin America. *Nepantla: Views from South*, v. 1 n. 3, p. 533-580, 2000b.
- SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Traduzido por Andréa Fachel Leal. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, n.9, p.103-117, out. 1998.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. IN: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Identidade e Diferença. As perspectivas dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

# About oneself's glory: masculinity and whiteness in the short story *Maria Cora*, by Machado de Assis

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicity:**  
Fluxo contínuo

**Volume 6**  
**Number 1**

**Received in:** 03/09/2020  
**Approved in:** 27/12/2020

## **Abstract:**

This article intends, based on the work of R.W Connell and Joane Nagel, to analyze the short story *Maria Cora*, by Machado de Assis, from his book *Relíquias da Casa Velha*, published in 1906, with the objective of identifying the existing relationships between the hegemonic masculinity and 19th's century power relations, intersected with the axes of gender/sexuality, race and class, of Brazilian society at the time. For this, I will first analyze the fictional resources of the narrative, taking into account the narrator's point of view, to later identify how the emulated masculinity is linked to Brazilian elites, to the Eurocentric project of a future nation (which has racial whitening, the hierarchy gender and the agency of desire as fundamental structuring traits) and whiteness as an ideological space of power, as conceptualized by the researcher Lia Vainer Schucman.

## **Keyword:**

Machado de Assis, whiteness, masculinity